

From Decolonisation to Postcolonialism: A Global Approach

UNIVERSITY OF PORTO

11TH-13TH NOVEMBER 2015



Call for papers
13th September

U. PORTO

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO



INSTITUTO
DE HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA



ces

Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado
Universidade de Coimbra



CIIE

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
e
INTERVENÇÃO EDUCATIVAS

CHAMADA DE COMUNICAÇÕES

Da descolonização ao pós-colonialismo: perspectivas pluridisciplinares

De 1947 (independência da Índia) a 1990 (autodeterminação do Zimbabwe, 1980, e da Namíbia, 1990), chegou ao fim o que era normalmente descrito como o colonialismo moderno europeu na Ásia e em África. A vaga anticolonial varreu todo o planeta ao mesmo tempo que, nos anos do pós-2ª Guerra Mundial, as mudanças sociais e económicas sentidas no mundo ocidental produziram o Estado de bem-estar social, a cultura de massas e abriram caminho a uma nova etapa da globalização. O que parecia ser o triunfo da descolonização sobre a hegemonia ocidental, com toda a sua “energia, vitalidade e otimismo”, foi rapidamente absorvido pela “distribuição de poder no sistema mundial” (Lazarus, 2004).

Este congresso está aberto a uma discussão multidisciplinar sobre: (i) diferentes processos económicos e políticos de descolonização (casos português, francês, britânico, holandês, belga, italiano, espanhol e sul-africano), assim como diferentes dimensões da “condição pós-colonial” (Baker *et al.*, 1995; Young, 2012), incluindo; (ii) fluxos demográficos migratórios e recomposição social em contextos de conflito anti-colonial e de descolonização formal; (iii) a negociação de identidades nacionais em contextos pós-coloniais; (iv) relações Norte-Sul, uma avaliação crítica de programas de cooperação e respetivas doutrinas de desenvolvimento; (v) usos coloniais e pós-coloniais do passado: memórias e representações dos conflitos e das transições; (vi) educação, Pós-Colonialismo e Globalização; (vii) descolonizações, literaturas e culturas.

Estamos, por isso, abertos à submissão de *papers* individuais, propostas de painéis e mesas redondas que incidam sobre qualquer um destes eixos temáticos e linhas de investigação.

Proposta individual: Uma comunicação escrita individualmente (ou em coautoria) que será apresentada no âmbito da temática de um dos eixos temáticos incluídos no *call for papers*

Propostas de painéis: Uma proposta de uma sessão completa de várias comunicações sobre um dos eixos temáticos mencionados, que inclua um presidente, apresentações de *papers* e (opcionalmente) um comentador

Proposta de mesas redondas: Uma proposta de uma sessão completa, incluindo um presidente, uma lista de comunicantes e (opcionalmente) um comentador, e durante a qual será discutido um tema comum

Envie, por favor, um resumo até 500 palavras, juntamente com um CV resumido através da plataforma: <http://decolonisationcongress.eventqualia.net/pt>

Data limite para submissão de propostas: 13 de setembro de 2015

Envio das decisões aos participantes: 4 de outubro de 2015

As comunicações apresentadas durante o congresso serão posteriormente publicadas sob a forma de eBook, por isso, caso o pretenda, não se esqueça de autorizar durante o processo de submissão do resumo. A submissão da versão final dos trabalhos deverá estar terminada até **15 de Dezembro de 2015**, e será posteriormente sujeita a uma *peer review*. A decisão final relativamente à publicação dos trabalhos será revelada a **15 de Janeiro de 2016**.

Por favor, atente nas seguintes regras durante a preparação dos vossos textos:

- *Papers* não deverão exceder as 7.500 palavras (notas de rodapé e referências bibliográficas incluídas)
- *Papers* devem incluir: título, nome e filiação institucional do autor (ou autores), resumo e até 6 palavras-chave.
- O resumo não deverá exceder as 250 palavras.
- *Papers* podem ser redigidos em qualquer uma das línguas de trabalho do congresso (Português, Inglês, Francês e Espanhol). No entanto, todos deverão incluir uma versão em Inglês do título, resumo e palavras-chave
- *Papers* deverão seguir as normas de citação especificadas no *Chicago Manual of Style*
- *Papers* submetidos após a data especificada (15 de Dezembro de 2015) não serão publicados

Preços das inscrições

FASE 1 (até 31 de Outubro)		FASE 2 (no local)	
Estudantes (licenciatura e mestrado)	10€	Estudantes (licenciatura e mestrado)	15€
Desempregados		Desempregados	
Estudantes (doutoramento)	30€	Estudantes (doutoramento)	40€
Outros	50€	Outros	60€

Unidades de investigação associadas à organização: Instituto de História Contemporânea da FCSH/UNL (IHC/FCSH/UNL), Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE/FPCEUP), Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES)

Comissão organizadora:

Alice Samara (IHC/FCSH/UNL)
Álvaro Curia (IHC/FCSH/UNL)
Anne-Laure Bonvalot (LLACS/Univ. Montpellier 3)
Bruno Sena Martins (CES)
Carla Prado (CES)
Dalila Coelho (CIIE/FPCEUP)
Isabel Menezes (CIIE/FPCEUP)
João Caramelo (CIIE/FPCEUP)
Luciana Soutelo (IHC/FCSH/UNL)
Manuel Loff (FLUP, IHC/FCSH/UNL)
Marcos Cardão (IHC/FCSH/UNL)
Maria Paula Meneses (CES)
Marta Silva (CES)
Miguel Cardina (CES)
Sandro Campos (FLUP)
Sofia Ferreira (IHC/FCSH/UNL)

Comissão científica:

Alice Samara (IHC/FCSH/UNL)
Álvaro Curia (IHC/FCSH/UNL)
Anne-Laure Bonvalot (LLACS/Univ. Montpellier 3)
Bruno Sena Martins (CES)
Carla Prado (CES)
Carolina Peixoto (CES)
Catarina Martins (CES)
Dalila Coelho (CIIE/FPCEUP)

Diana Andringa (CES)
Isabel Menezes (CIIE/FPCEUP)
João Caramelo (CIIE/FPCEUP)
José Manuel Pureza (CES)
Luciana Soutelo (IHC/FCSH/UNL)
Luís Trindade (Birkbeck College, IHC/FCSH/UNL)
Manuel Loff (FLUP, IHC/FCSH/UNL)
Marcos Cardão (IHC/FCSH/UNL)
Maria Paula Meneses (CES)
Marta Araújo (CES)
Marta Silva (CES)
Miguel Bandeira Jerónimo (ICS/UL)
Miguel Cardina (CES)
Nuno Domingos (ICS)
Patrice Schurmans (CES)
Rui Bebiano (FLUC, CD25A)
Rui Canário (IE/UL)
Sara Araújo (CES)
Tiago Castela (CES)
Sandro Campos (FLUP)
Silvia Maeso (CES)
Sofia Ferreira (IHC/FCSH/UNL)
Teresa Cunha (CES)

ELXOS TEMÁTICOS

1. Processos políticos e económicos da descolonização

Os processos que levaram os países afro-asiáticos à sua independência política foram muito diversos em razão das suas realidades próprias e das dinâmicas regionais e internacionais que tiveram que enfrentar e ultrapassar. Além de resistências populares no terreno como boicotes, desobediência, fuga ou atos violentos localizados, os movimentos e as guerras de libertação nacional foram momentos constituintes das ideias de nação e país, forçando os poderes metropolitanos coloniais a perceber que o fim do projeto imperial europeu estava a acontecer. Com as independências veio o colapso das economias baseadas na extração, produção agrícola intensiva e a acumulação primitiva dos recursos à custa do trabalho forçado e da manutenção da maioria da população fora de qualquer benefício trazido pela riqueza da sua própria terra. Com diferenças e variações pode-se dizer que a economia política colonial europeia serviu-se do isolamento, miséria, violência e separação para manter o seu domínio imperial.

Com as independências políticas vieram o fim das administrações coloniais, em muitos casos, o retorno maciço aos países europeus de origem dos colonos brancos e a expatriação de soldados que combateram ao lado das forças ocupantes. É de notar que alguma da população branca, nascida nas colónias, fica e abraça o ideário revolucionário das independências. Os novos países, num mundo marcado por um sistema internacional bipolar, tiveram que avaliar o novo contexto nacional, regional e global e enfrentar os desafios que lhes estavam postos. Com as suas economias devastadas pelas guerras, o desmantelamento dos tecidos produtivos, a fuga de quadros técnicos e, sobretudo, pela herança colonial de apropriação e desidentificação das singularidades dos povos, das suas culturas, línguas e sistemas de pensamento, o projeto da descolonização iniciou-se com uma grande euforia e esperança mas em condições extremamente hostis.

Neste eixo serão bem-vindos trabalhos de várias disciplinas e abordagens das diferentes experiências económicas e políticas da descolonização, tanto na perspetiva das antigas potências coloniais, como na das sociedades emancipadas. A dialogicidade própria entre os regimes coloniais europeus e as resistências e lutas africanas abre campo a

análises mais amplas e mais complexas que colocam sob o escrutínio crítico e inovador casos, comparações, hermenêuticas e teorias.

2. (Re)fluxos demográficos e processos pós-coloniais de recomposição social

A descolonização, sobretudo em África, levou ao regresso às metrópoles europeias, como Portugal, de centenas de milhares de colonos oriundos das antigas colónias. No caso português, meio milhão de cidadãos foram (re)integrados na sociedade portuguesa, sobretudo entre 1975 e 1977. O caso português é muito semelhante ao processo francês do pós-guerra da Argélia: retorno à antiga metrópole de colonos autodefinidos como africanos juntamente com aqueles que haviam migrado nos últimos anos antes da independência; migração para a Europa de africanos assimilados que decidiram fugir dos novos países independentes, abrindo um novo ciclo na presença africana na Europa. No caso português, contudo, ao contrário do francês, este processo de recomposição social desenrolou-se no contexto particular de uma revolução e da democratização.

Neste eixo temático acolher-se-ão comunicações que abordem a caracterização dos fluxos demográficos associados à descolonização dos territórios europeus assim como a reconfiguração das antigas metrópoles e dos novos países independentes no período pós-colonial.

3. A negociação das identidades nacionais em contextos pós-coloniais

Além da reorganização dos mapas políticos e económicos, o processo de descolonização produziu um profundo impacto na forma como colonizados e colonizadores se identificavam e representavam no mundo. Não obstante, a maioria da pesquisa realizada sobre o fim dos impérios coloniais tem-se focado nas rápidas mudanças territoriais, negligenciando as transformações ocorridas nas fronteiras territoriais ou classificando-as como simples subprodutos de todo o processo de descolonização.

Reconhecendo que o processo de descolonização representou também uma rutura

com as formas anteriores de identificação, este eixo temático está aberto a investigadores focados nas novas relações entre Europa e mundo pós-colonial, na forma como as identidades europeias se reconfiguraram face à perda dos seus impérios, assim como nos processos de (re)construção identitária levados a cabo nos novos Estados perante o contacto com a sua recente autonomia política.

4. Relações Sul/Norte: uma avaliação crítica dos programas de cooperação e das doutrinas de desenvolvimento

70 anos após o início do fim da violenta ocupação colonial de territórios nos continentes da África e Ásia por vários Estados da Europa ocidental, e da emergência dos rivais projetos de desenvolvimento do pós-guerra dos Estados Unidos da América e da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, uma rica literatura crítica tem examinado o desenvolvimento como desapossamento no quadro da perspectiva da economia política, e enquanto técnica de governo e formação de subjetividades. No entanto, a investigação tem raramente examinado a península Europeia da Eurásia como o espaço inicial do projeto de desenvolvimento dos EUA, e nomeadamente as persistências de uma racionalidade de desenvolvimento na formação da União Europeia; assim como as práticas e discursos da URSS e da China, ou a articulação do desenvolvimento no quadro do Movimento Não-Alinhado. Para além disso, não é bem conhecido o modo como a utilização de técnicas de desenvolvimento ou cooperação por Estados europeus tem contribuído para processos de formação estatal, mudança política, e transformação de modos de cidadania no seio da Europa. Como é evidente, este é também um momento para a exploração de como a investigação sobre as relações situadas entre o aparelho estatal e o projeto do desenvolvimento em Estados pós-coloniais africanos e asiáticos pode ser desarticulada de teleologias globais e hierarquias de desenvolvimento. Portanto, os trabalhos neste eixo devem lidar criticamente com os seguintes assuntos negligenciados:

- a Europa como o espaço inicial do projeto de desenvolvimento do pós-guerra dos EUA;
- práticas e discursos de desenvolvimento da URSS, da China, e de Estados do

Movimento Não-Alinhado;

- os efeitos das políticas de desenvolvimento e cooperações europeias nos Estados e aparelhos estatais europeus;
- a descolonização do conhecimento sobre a relação entre desenvolvimento e formação estatal em Estados coloniais em África e na Ásia.

5. Usos do passado colonial e pós-colonial: memória(s) e representações dos conflitos e das transições

A memória coletiva enquanto objeto de estudo tem-se focado nas (re)construções do passado colonial e pós-colonial. Por um lado, relatos biográficos e autobiográficos reavaliam o passado a partir da perspectiva de diferentes gerações/grupos sociais que experienciaram o colonialismo e a descolonização: africanos e colonos europeus, ex-combatentes e guerrilheiros, ou europeus/ocidentais que não desempenharam um papel direto na experiência colonial. Por outro lado, os usos do passado são visíveis em múltiplos espaços da esfera pública: nos meios de comunicação de massas (imprensa escrita, rádio, televisão, internet), cinema, teatro, fotografia, artes, literatura, bem como sistemas educativos, museus, monumentos e espaço público urbano. Partidos políticos e associações/organizações políticas e culturais também produzem determinados discursos sobre o passo, e o Estado, em particular, cria interpretações oficiais sobre este. Neste sentido, as políticas de memória e as disputas em torno destas transformam-se num vasto campo de estudo.

6. Educação, pós-colonialismo e globalização

Este eixo temático centra-se nas interseções entre educação e os desafios específicos decorrentes do colonialismo, desenvolvimento e globalização, com um foco em algumas tendências de pesquisa, tais como:

- Como é que a experiência “colonial” influenciou as políticas e os sistemas educativos em países anteriormente colonizadores e colonizados;
- Como é que os processos de colonialismo e de descolonização se refletem nos currículos e materiais didáticos ou, de modo mais amplo, como é que a visão do

outro é conceptualizada e representada no campo educativo;

- Quais os debates atuais no campo educativo sobre “educação global”, “educação para o desenvolvimento” ou, mais recentemente, “educação para a cidadania global”, e como estes perspetivam a promoção de novos cidadãos globais, conscientes e ativos no que respeita aos desafios locais e globais.

Estas tendências de pesquisa frequentemente sobrepõem-se na pesquisa educacional e parecem fundir-se, aparentemente, em novas narrativas educacionais, num mundo marcado pela globalização e pela circulação e importação de políticas e práticas educativas. Há, portanto, a necessidade de abordar criticamente, a partir de olhares pós-colonialistas, estas questões da investigação educativa e de analisar e compreender os riscos implícitos de criar novas formas de dominação ou de neocolonialismo nas relações Norte-Sul. Deste modo, este painel acolherá comunicações inscritas em qualquer das tendências de pesquisa acima identificadas, relativas a diversos setores educativos (e.g. Educação de infância, Educação básica, secundária e superior, Educação de adultos...) e contextos (e.g. escolas, comunidades...), envolvendo diferentes protagonistas (e.g. Decisores políticos, Professores, Membros e lideranças de Organizações Não Governamentais, Estudantes...).

7. Descolonizações, literaturas e culturas

Este painel propõe debater a maneira como os bens simbólicos de produção restrita e os bens simbólicos de grande produção, (que comumente se designa de cultura popular ou de massas), representaram quer o passado colonial, quer uma conceção pós-colonial do mundo. Assim, por exemplo, antes da avaliação teórica do passado colonial e dos seus efeitos nas sociedades europeias, escritores e realizadores de cinema europeus e não europeus releram criticamente os colonialismos e as suas consequências. A banda desenhada foi muito longe, não só nesta questão, como na própria redefinição dos meios narrativos do suporte por causa do tema tratado. A música, nalgumas expressões de minorias, que viriam a alcançar grande difusão, não somente tem veiculado uma reflexão anticolonial ou anti-neocolonial e de resistência a heranças do colonialismo, como o

racismo, como tem contribuído para movimentos sociais e transformações políticas relevantes em diversos contextos. Todavia, tanto as culturas ditas populares ou de massas, como a dita alta cultura, podem igualmente reproduzir a representação colonial do mundo. Ou seja, a cultura, numa aceção ampla, tanto serve para contestar uma ideologia e uma mundivisão que parece não ter acabado com as independências, como para a naturalizar junto de um público alargado, tanto nas antigas metrópoles como nas antigas colónias. Os media, com os seus diferentes produtos, oferecem um largo campo de análise nesta perspetiva. Por outro lado, a natureza destas representações, numa ou noutra vertente, pode e deve contribuir para questionamentos não somente de ordem política, social e ideológica, como para interrogar o próprio conceito de cultura(s) e as suas adjectivações ou subdivisões, uma vez que este conceito (ou o conceito paralelo de civilização) se encontrava no cerne da própria empresa colonial. . Convidamos à apresentação de propostas que abranjam tanto a literatura no sentido mais amplo, como o cinema, a banda desenhada, a música, as artes plásticas e performativas, entre outros suportes. Privilegiaremos uma escala geográfica aberta que inclui produções vindas da Europa assim como da África, Ásia e América do Sul pois é na comparação crítica entre bens simbólicos produzidos em contextos diferentes que muitas vezes surgem propostas teóricas e analíticas inovadoras.